



Anais da Assembléia

N.º 48

CURITIBA, QUARTA-FEIRA, EM 26 DE MAIO DE 1.982

ANO VIII

4.ª SESSÃO LEGISLATIVA DA 9ª LEGISLATURA
ATA DA SESSÃO SOLENE DESTINADA À ENTREGA DO
TÍTULO DE CIDADÃO HONORÁRIO DO PARANÁ
AO EXCELENTÍSSIMO SENHOR
ALÉSSIO VAZ PRIMO
REALIZADA EM 26 DE MAIO DE 1982
(QUARTA-FEIRA)

Presidência do Sr. Deputado João Mansur, secretariada pelos Srs. Deputados Augusto Carneiro e Ezequias Losso.
Verificada a existência de número legal, o Sr. Presidente declara aberta a presente sessão.

O SR. PRESIDENTE — (João Mansur) Sob a proteção de Deus, declaro aberta a Sessão Solene de entrega do título de CIDADÃO HONORÁRIO DO PARANÁ ao Excelentíssimo Sr. Aléssio Vaz Primo.

Para receber e acompanhar até este plenário Sua Excelência o Sr. José Hosken de Novaes, DD. Governador do Estado e o homenageado, designo uma Comissão integrada pelos Srs. Deputados Tércio Albuquerque, Fabiano Braga Côrtes, José Tavares, Pinto Dias, Valduga e Erondy Silvério.

Suspendo a sessão por alguns instantes, até a chegada de Suas Excelências.

(É suspensa a sessão).

Está reaberta a sessão.

Esta Presidência tem a honra de anunciar a composição da Mesa: Excelentíssimo Sr. José Hosken de Novaes, Governador do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Sr. Desembargador Alceu Conceição Machado, Vice-Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná, representando Sua Excelência o Sr. Heliantho Guimarães Camargo, Presidente do Tribunal de Justiça de nosso Estado;

Excelentíssimo Sr. Dr. Aléssio Vaz Primo, Cidadão Honorário do Paraná,

Excelentíssimo Sr. José Carlos Barreto, representando Sua Excelência o Sr. Ministro da Agricultura;

Excelentíssimo Sr. Senador, Francisco Leite Chaves;

Excelentíssimo Sr. Coronel Aviador Aluísio Carvalho Campos, representando Sua Excelência o Sr. Brigadeiro do Ar, João Felipe Brack, Comandante da Escola de Oficiais Especialistas da Aeronáutica;

Excelentíssimo Sr. Dr. Caio Nogueira Soares, representando Sua Excelência o Sr. Jaime Lerner, Prefeito Municipal de Curitiba;

Excelentíssimo Sr. Deputado Augusto de Oliveira Carneiro, Primeiro Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Sr. Deputado Ezequias Losso, Segundo Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná.

Convido os presentes a ouvirem o Hino Nacional, executado pela Banda de Música da Polícia Militar do Estado.
(É executado o Hino Nacional).

O SR. PRESIDENTE — (João Mansur) Solicito do Sr. 1.º Secretário, a leitura do Diploma de Cidadão Honorário do Paraná, com que é agraciado o Sr. Aléssio Vaz Primo.

O SR. 1.º SECRETÁRIO — (Lê). "República Federativa do Brasil - Estado do Paraná - Título de Cidadania Honorária

Os Poderes Constituídos do Estado do Paraná, no uso de suas atribuições legais, e de conformidade com a Lei 7388, de 11 de novembro de 1980, conferem ao Excelentíssimo Sr. Dr. ALÉSSIO VAZ PRIMO, o Título de Cidadão Honorário do Paraná, para o que manda expedir o presente Diploma.
Curitiba, 26 de maio de 1982.

(a) JOSÉ HOSKEN DE NOVAES

Governador do Estado

HELINTHO GUIMARÃES CAMARGO

Presidente do Tribunal de Justiça

JOÃO MANSUR

Presidente da Assembléia Legislativa"

O SR. PRESIDENTE — (João Mansur) Tenho a honra de convidar Sua Excelência o Sr. José Hosken de Novaes, DD. Governador do Estado, para que faça a entrega do Diploma de Cidadão Honorário do Paraná ao ilustre homenageado.

(O Sr. Governador entrega o Diploma).

O SR. PRESIDENTE — (João Mansur) Tenho a honra de conceder a palavra ao Sr. Deputado Luiz Alberto Martins de Oliveira, para saudar o Sr. Aléssio Vaz Primo.

O SR. LUIZ ALBERTO DE OLIVEIRA — Excelentíssimo Sr. Deputado João Mansur, DD. Presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Sr. Dr. José Hosken de Novaes, DD. Governador do Estado,

Excelentíssimo Sr. Desembargador Alceu Conceição Machado, Vice-Presidente do Tribunal de Justiça do Estado, representante, na ocasião, de Sua Excelência o Sr. Desembargador Heliantho Guimarães Camargo;

Excelentíssimo Sr. Aléssio Vaz Primo, Cidadão Honorário do Paraná;

Excelentíssimo Sr. José Roberto Barreto, representante de Sua Excelência o Sr. Dr. Amaury Stábile, Ministro de Estado da Agricultura;

Excelentíssimo Sr. Senador Francisco Leite Chaves;

Excelentíssimo Sr. Coronel Aviador Aluísio Carvalho Campos, representando Sua Excelência o Sr. Brigadeiro do Ar, João Felipe Brack, Comandante da Escola de Oficiais Especialistas da Aeronáutica;

Excelentíssimo Sr. Dr. Caio Nogueira Soares, representante de Sua Excelência o Sr. Jaime Lerner, Prefeito de Curitiba;

Excelentíssimo Sr. Professor Alcy Joaquim Ramalho, Magnífico Reitor da Universidade Federal do Paraná,

Excelentíssimo Sr. Deputado Augusto Carneiro, Primeiro Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Sr. Deputado Tadeu Lúcio Machado, Segundo Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Sr. ex-Governador Ney Aminthas de Barros Braga, que hoje retorna a esta Casa para presenciar a homenagem a um dos seus discípulos na administração pública,

Excelentíssimos Srs. Secretários de Estado, Srs. Deputados Estaduais, Srs. Representantes do Congresso Nacional, Srs. Líderes de Cooperativa do Paraná inteiro que aqui vejo.
Minhas Senhoras, meus Senhores. Srs. Prefeitos Municipais e Lideranças do Paraná.

(Lê):

"Houve por bem o então e ilustre Deputado Antônio Del Ciel, hoje o operoso Prefeito de Londrina, apresentar a esta Casa projeto de lei concedendo o título de Cidadão Honorário do Paraná ao Dr. Aléssio Vaz Primo, muito digno Diretor de Crédito Agrícola do Banco do Brasil.

A oportuna lembrança do antigo Parlamentar nasceu da Região Norte do Estado, área que por tantos anos teve a felicidade de acompanhar o trabalho, a dedicação e o entusiasmo do homenageado de hoje. Região de pioneiros, berço de uma esplêndida civilização, o Norte do Paraná pretendeu gratificar, com o título de Cidadania Honorária, um homem que se identificou com a terra e com a gente daquela região.

E para nós, é sumamente gratificante poder, nesta oportunidade, saudar Aléssio Vaz Primo, pois somos nesta Casa representantes também de uma região que faz do trato da terra sua maior atividade. Juntando a voz do Sudoeste às manifestações do Norte, temos a certeza de traduzir no dia de hoje um só pensamento, que é de todo o Paraná, homenageando um homem que é sinônimo de trabalho, probidade e honradez; homenageando um homem que em sua vida pública e particular é uma somatória de virtude, dignidade, um exemplo - em suma - para toda a sociedade.

Filho de imigrantes italianos, já bem cedo, mais precisamente aos oito anos de idade, o nosso homenageado conhecia a tristeza da orfandade. Teve coragem, no entanto. Encontrou forças para enfrentar as adversidades, superar as dificuldades. E trabalhou muito. E lutou, bastante. A tudo e a todos enfrentou com otimismo, com galhardia e sobretudo com um imenso e generoso coração, para chegar até onde está, colhendo merecidamente tudo de bom que semeou ao longo de uma vida que é exemplar.

E que tem seguimento, qual bons frutos da boa árvore, em seus três filhos, todos nascidos em Londrina, do feliz enlace com Dona Elina Vaz: Carlos Antônio Vaz (Universitário de Engenharia Civil), Adriana Maria (estudante de Odontologia) e José Carlos (Acadêmico de Agronomia).

Trabalhou, na infância, como mecânico. Só aos 19 anos conheceu os bancos escolares, completando então o curso de Madureza, em um ano. Sua carreira bancária teve início no Banco Comércio e Indústria, como um modesto contínuo e prosseguiu através concurso efetuado no Banco do Brasil, onde até hoje permanece, por força de uma feliz opção que possibilitou a todos nós a satisfação - e mais do que isto - a honra, de conhecer o trabalho de um homem certo, no lugar certo.

No Banco do Brasil, Aléssio Vaz Primo exerceu todas as funções.

Galgando todos os postos graças sobretudo a uma sensibilidade muito grande para com os problemas e as aspirações da atividade agropecuária, foi ele o idealizador do primeiro plano de eletrificação rural no Paraná. Criou o Serviço de Assistência Técnica ao Agricultor, transformando uma mera fiscalização do uso do crédito, em formidável potencial de auxílio para o homem do campo.

Este mesmo homem do campo que tinha acesso ao crédito na estreita faixa de um percentual de apenas 18 por cento, mas que hoje, graças ao empenho pessoal do homenageado, já está na casa dos 33 por cento, com uma operacionalização desburocratizada, graças aos conhecidos postos avançados, que hoje somam um total de 600, contra os dois únicos existentes à época em que foi empossado. A atuação de Aléssio Vaz Primo ao lado do colegiado dirigente do Banco do Brasil, muito honra o Paraná, reafirmando a riqueza dos nossos quadros humanos quanto à potencialidade contributiva de nossa gente, para o pleno desenvolvimento da Nação brasileira.

Longe de ser um burocrata, Aléssio Vaz Primo nunca foi expectador distanciado dos problemas atinentes à sua área de atividades. Aos conhecimentos técnicos alia uma consciência prática, adquirida através de muito diálogo e muita expe-

riência. Integrante de uma estrutura estatal, levou para ela a praticidade da livre iniciativa, onde a desburocratização e a operacionalidade tornam mais flexíveis o instrumental de que o Banco do Brasil dispõe.

Foi assim a marca do seu trabalho para com o PROA-GRO. Hoje em dia um ágil esquema de benefício para o homem do campo, obtido através um simples contato com o gerente mais próximo, ao invés da longa e penosa caminhada burocrática de anteriormente e até por muitas vezes mal sucedida.

E o Paraná, particularmente, muito se tem beneficiado da atuação diuturna do nosso homenageado de agora. E a classe política, com assento nesta Casa, disto é testemunha, daí a unanimidade que legitimou e consagrou a outorga do título agora entregue, para quem tanto o merece e para quem tanto fez por merecê-lo.

Formado em Direito pela Faculdade Estadual de Londrina, onde sempre foi seu primeiro aluno, discípulo inclusive do atual Excelentíssimo Sr. Governador José Hosken de Novaes - dentre tantos outros mestres de renome - Aléssio Vaz Primo, paulista de nascimento, adotou o Paraná como sua terra, e o Paraná agora o adota, como um dos seus filhos mais queridos, um irmão de todos nós.

Pois a homenagem deste momento é o prolongamento de muitas já concretizadas, pelos Poderes Executivo e Legislativo de várias comunidades, tais como de Assaí, Rolândia, Londrina, Querência do Norte, Cruzeiro do Oeste, Califórnia, Altônia e Pérola, que já o homenagearam com o título de cidadania, enriquecendo ainda mais seu currículo Vitae.

Bacharel em Economia pelo Instituto de Ciências Sociais, formado em Administração de Empresas, também exerceu o Magistério, tendo sido professor de Análise Macroeconômica da Fundação Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Apucarana; Professor da mesma disciplina, igualmente, na Fundação Universidade Estadual de Londrina e Faculdade de Administração e Economia da Universidade Católica do Paraná.

Seu talento e dedicação o levaram ao exterior, para duas missões no Japão, e como representante do Banco do Brasil, no Seminário Latinoamericano sobre "Banca Multiple", Assembléia Geral da Associação de Banqueiros do México e Seminário sobre financiamento de projetos para o desenvolvimento rural na América Latina, realizado no Peru.

Esta, em síntese, a personalidade marcante do homem que neste momento o Paraná homenageia. E mais do que a homenagem, o agradece, por tudo quanto tem feito e pelo muito que certamente ainda haverá de fazer, nesta existência tão dignificante.

E ocorre-nos agora, a citação de Abrahan Lincoln, "Gosto de ver um homem orgulhar-se do lugar onde vive, mas gosto, ainda mais, de ver um homem viver de modo que sua terra se orgulhe dele".

O Paraná, sua terra, Aléssio Vaz Primo, se orgulha de tê-lo.

E a nossa gente, Aléssio Vaz Primo, se orgulha de tê-lo.

Parabéns. Esteja conosco.

Bem-vindo, filho e irmão do Paraná".

O SR. PRESIDENTE — (João Mansur) Com muita satisfação, concedo a palavra ao Sr. Aléssio Vaz Primo, nosso ilustre homenageado.

O SR. ALÉSSIO VAZ PRIMO — Excelentíssimo Sr. Deputado João Mansur, Presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Sr. José Hosken de Novaes, Governador do Estado;

Sr. Alceu Conceição Machado, Vice-Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná,

Excelentíssimo Sr. Senador Francisco Leite Chaves,

Excelentíssimo Sr. Coronel Aviador Aluísio Carvalho

Santos;

Excelentíssimo Sr. Caio Nogueira Soares, Representante do Prefeito Jaime Lerner;

Excelentíssimo Sr. Deputado Augusto Carneiro, Primeiro Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Sr. Deputado Ezequias Losso, Segundo Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Sr. Governador Ney Braga;

Deputados Federais presentes;

Meus Amigos;

Meu caro amigo Luiz Alberto de Oliveira, e me perdoe o protocolo, meu querido amigo, queridíssimo amigo Karlos Rischbieter.

Meus Senhores - como advogado, tenho me preocupado mais com a Economia, e a coisa que mais me preocupa é assistir a uma contabilidade dos atos que pratiquei durante a minha carreira profissional, mais me preocupa, porque, quando analiso os fatos que foram atribuídos a mim, se no início da minha crítica me envaidece, a minha humildade revela que, a maior parte dos meus êxitos devo a homens que acompanharam a minha carreira e que souberam acreditar na minha vocação profissional.

Erasmus de Rotherdam, no livro "Elogio da Loucura" diz que "os homens nascem crianças e morrem crianças", e numa solenidade séria como esta, em que o protocolo recomendaria que fizéssemos um discurso racional, e que como Economista expusesse aqui alguns problemas e soluções da economia brasileira, a contabilidade que sobre a minha vida fez o amigo Luiz Alberto, me faz lembrar os primeiros dias da carreira e a minha humildade permite que eu faça algumas correções:

No Banco do Brasil, não posso esquecer que, o primeiro homem que me deu a mão, após um ano e meio de funcionário, fugindo a todas as regras de promoção, foi o homem que está aqui presente e que me permito ter o dever de revelar - o Diretor, Léo de Almeida Neves, que tirou um funcionário do Banco do Brasil numa fase ainda de aprendizagem, e deu a ele o cargo de Gerente de uma Agência, violando realmente as normas e as praxes que à época vigiam no Banco; não posso esquecer também que foi o Ministro Karlos Rischbieter que atribuiu, a mim, a grande tarefa de dirigir o principal cargo que se pode aspirar, no Banco do Brasil.

Quanto aos postos avançados que na minha opinião representam uma alteração da filosofia de governo, não do arqujufo àto, porque todos nós sabemos que a proteção e o prestigiamento do pequeno sempre foi o argumento das elites dirigentes, para justificar uma discriminação que a colocasse no poder, mas os homens que realmente adotaram medidas práticas, que tiveram uma idéia consciente de implementar esses instrumentos, são realmente poucos.

A idéia, não tenho a menor dúvida, foi do Ministro Karlos Rischbieter, o patrocínio foi do ex-Ministro Golbery do Couto e Silva, e seu instrumento de ação - não fujo à minha vaidade, - o instrumento de ação foi o Diretor de Crédito Rural do Banco do Brasil, sob a orientação do nosso Presidente.

Eu sei que aqui há centenas de produtores rurais que gostariam que eu fizesse algumas considerações a respeito da agricultura brasileira; eu sei que há colegas do Banco do Brasil Gerentes, que gostariam que eu falasse alguma coisa sobre essa grande instituição que venceu um século e meio de trabalho prestado ao Brasil, que ajudou a escrever a nossa história; eu sei que os políticos, com quem aprendi a conviver nestes três anos de intenso trabalho político e econômico, haveriam de esperar de mim algumas considerações a respeito da situação política brasileira, e me permito, meus Srs. apresentar aqui algumas considerações a respeito do que realmente acredito que esteja ocorrendo no mundo.

Não posso fugir à existência de números, para acreditar que efetivamente esteja havendo uma alteração nos padrões eco-

nômicos do mundo inteiro, eu posso acreditar, que esteja havendo uma recessão econômica, tenho sobrevoado o Brasil, tenho lido os jornais, tenho acompanhado as revistas técnicas, os números revelam e meus olhos mostram que, os quilômetros de asfalto atravessam o Brasil, a produção agropecuária aumenta, a produção da indústria, com alguns períodos de recessão, vai vencendo o tempo, vejo o produto nacional crescer, anualmente, os padrões materiais de vida, se ampliando e se elevando, e vejo, ao mesmo tempo - como bem ontem disse o Governador José Hosken de Novaes, que efetivamente está aumentando também a angústia do povo, no mundo inteiro.

Há realmente um período de inquietação e que não consigo explicar, apenas por atraso de desenvolvimento material. Não posso negar que a Ciência está se desenvolvendo e está crescendo. Deve haver alguma razão.

A explicação, eu dizia ontem ao Desembargador com quem viajei de Brasília a Curitiba, não pode estar em baixo ritmo de atividade econômica; deve haver outra razão que não seja explicada simplesmente pela situação econômica do mundo, eu vejo que, países que gozam de um alto padrão de vida, como a Irlanda, como o Chile, como já alguns anos atrás era o Uruguai, outros países realmente com alto desenvolvimento, também têm, em seu ambiente de vida, as inquietações, as greves internas, os protestos, as reivindicações às vezes até absurdas. Há realmente um estado de espírito que não pode ser explicado pelo estágio em que vive a economia mundial.

Eu, com a máxima humildade me permito então iniciar a leitura de um trabalho que fiz pessoalmente:

Mas eu que falo, humilde, baixo e rudo,
De vós não conhecido nem sonhado?
Da boca dos pequenos sei, contudo
Que o louvor sai às vezes acabado.
Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiência misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas que juntas se acham raramente".

Camões.

Meus Senhores.

O Título de Cidadão Honorário do Paraná é realmente uma nobre distinção. Não tenho a humildade suficiente para, sinceramente, esconder a vaidade de recebê-lo, nem a coragem de recebê-lo, com a certeza de merecê-lo. À frente de qualquer ação humana há sempre uma idéia ou um sentimento. Se faltou ao autor do projeto alguma justificativa lógica, não lhe faltaria o sentimento de amizade e admiração recíproca que o haveria de encorajar a apresentá-lo. Acrescente-se uma excessiva e comprometedor generosidade dos Deputados do meu Estado que, por unanimidade, se atreveram a aprovar a indicação.

Mas, em defesa do autor e na tentativa de encontrar mérito como argumento do projeto, permito-me fazer algumas reflexões sobre o assunto e que, por sorte, vem muito oportunamente no momento em que vivemos.

Era comum entre os antigos, homenagear virtudes ou valores sociais com estátuas. Atualmente, adotamos monumentos. A estátua da Liberdade é uma invocação ao Direito que tantas lutas e sacrifícios custou à humanidade. Os gregos e os romanos esmeraram-se na arte de imortalizar nas esculturas, as virtudes e os valores que consideravam sagrados para a sociedade; Palas ou Minerva, Deusa da Sabedoria; Afrodite ou Vênus, Deusa do Amor e da Beleza, o fetichismo continua sendo uma forma de invocação de deuses, santos, virtudes ou valores.

Acredito que está aí a explicação porque hoje fazemos nossas homenagens a homens. Preferimos idolatrar nossos semelhantes à circunflexão à frente de ídolos de pedra ou de madeira, vivos apenas na nossa imaginação. Sou assim, para os ilustres

Deputados uma forma de viva veneração a virtudes e valores que, de outra forma, seriam supostamente localizados num pedaço de madeira ou de mármore, trabalhados ou não pela arte do escultor, que teria como lugar, ao invés de púlpito, uma praça pública.

A sociedade precisa identificar, lembrar e enaltecer virtudes e valores; sem os quais não sobrevive. E alguns homens têm a sorte de encontrar-se no tempo e no lugar adequados para servirem como coadjuvantes nesta solene consagração às forças morais. Eu tive sorte. Vivo em nosso Estado há quarenta anos, assimilei toda sua cultura; habituei-me a movimentar-me, agir e pensar segundo os princípios dos contemporâneos. Ocupo um cargo deveras importante para nosso País e tenho a humildade ou inteligência suficientes para compreender e interpretar o alcance deste nobre gesto, honrado pela minha participação no desempenho desta missão filosófica de garantir a continuidade através das gerações, do respeito às virtudes e aos valores colocados no altar desta Assembléia do Povo sob o patrocínio de seus legítimos sacerdotes.

Qualquer ação humana voluntária e consciente pressupõe um juízo de conhecimento, e sobre esse juízo de conhecimento há um juízo de valor. Temos de distinguir o juízo de conhecimento do juízo de valor. Sabemos que temos de julgar nossas ações antes de praticá-las. E nesse julgamento de valor influi a nossa cultura, envolvendo as nossas virtudes e nossos vícios, os valores que atribuímos a cada aspecto de nossa idéia e de nossas ações.

O conhecimento que desenvolvemos através da ciência, permite-nos executar a ação com proficiência. Mas a decisão de praticá-la, o momento, o lugar, a intensidade, a direção, dependem de nosso juízo de valor, que é produto de nossa cultura, de nossas forças morais.

Tenho acompanhado como cidadão, como chefe de família e como ser humano, a evolução da vida do homem nos últimos anos, fico impressionado com o avanço da ciência. Ninguém pode reduzir as conquistas do homem no campo científico. Os graves problemas sofridos por sucessivas gerações são simplesmente eliminados das preocupações das gerações subsequentes que os conhecem pela descrição histórica, mas sem o conhecer por experiência própria, sem sentir ou sofrer.

Morriam milhões de pessoas pela fome. A terra diminuía com o aumento da população. A ameaça Malthusiana amedrontava o mundo. Que fez a Ciência? A descoberta dos fertilizantes, a genética agrícola, os defensivos ampliaram as fronteiras de produção e afastaram o espectro da fome. E as doenças? Os quimioterápicos, a penicilina, os antibióticos venceram-nas. Já não matam mais. E o desabrigo das intempéries? Milhões de metros quadrados de casas construídas sob a orientação de arquitetos e engenheiros não deixam mais ninguém ao relento. E assim, as distâncias: já não são tão longas e remotas vencidas pelos meios de transporte modernos. Estamos todos perto uns dos outros.

A ciência venceu os mais sérios problemas. O avanço do conhecimento humano superou as previsões pessimistas e negras que nossos antepassados faziam de nosso tempo, do tempo em que estamos vivendo.

Mas essas realizações da ciência foram acompanhadas de juízos de valor construídos sob a inspiração das virtudes? Da solidariedade, do amor ao próximo, da compreensão? Será que esse aumento da riqueza fora realmente distribuído sob a inspiração dos valores morais que devem inspirar os homens?

Lamentavelmente, não. Os avanços da ciência não foram divididos segundo os ditames das virtudes da solidariedade, da compreensão, da justiça e mesmo, da piedade. Ainda morrem milhões de fome, de doenças incuráveis e de doenças curáveis, de frio, por falta de abrigo, e de saudades, porque não podem vencer distâncias. Os juízos de conhecimento aplicados sem novos juízos de valor condicionados pelas virtudes implicaram

apenas em garantir maior bem-estar aos que já desfrutavam de nível superior. A abundância autorizou o desperdício dos satisfeitos; novos remédios encorajaram os vícios e a intemperança; e os meios rápidos de transporte apenas aumentaram a frequência das viagens e das comunicações.

Os homens precisam cultivar as virtudes. Somente elas aliviam a dor dos que sofrem e eternizam o prazer dos que foram contemplados com a sorte. O vício, em todas as suas formas, somente traz prazer momentâneo e efêmero, e cobra caro depois. O momento exige algumas reflexões.

Vemos nos jornais multidões contra as usinas nucleares, contra o uso de produtos químicos, contra a instalação de aeroportos, contra enfim, as grandes conquistas da ciência. Que está acontecendo? O mundo contra o conhecimento, que é sua salvação? Afinal, dentro de poucas décadas o mundo não sobreviverá sem a energia nuclear, e hoje, já o mundo morreria de fome sem os fertilizantes e defensivos. E os meios de transportes rápidos, o barulho dos aeroportos? Nós poderíamos viver sem eles?

É que não podemos dissociar os juízos de conhecimento dos juízos de valor e nem podemos deixar que estes sejam elaborados sob a influência da soberba, da avareza e do egoísmo. O conhecimento só pode beneficiar o homem. Se a energia atômica mata ao invés de alimentar, não é a ciência que merece a culpa, mas o juízo de valor feito com relação à energia nuclear e que, por certo, não recebeu a influência das virtudes humanas. Se o homem cultiva o amor ao próximo, o respeito à vida humana, a solidariedade, a compreensão, não usa o produto de seu conhecimento para matar.

Se os fertilizantes, os defensivos matam, não estão sendo utilizados segundo a orientação das forças morais que devem conduzir os homens. Não erra a ciência, que é objetiva; erra o homem na formulação do juízo de valor. Se a fome ainda ceifa vidas, se as distâncias ainda são remotas, não faltou conhecimento ao homem, faltaram virtudes.

O mundo tem, pois, abundância de conhecimentos e escassez de virtudes. E essa escassez é mais perniciosa que a de alimentos. Esta mata e elimina o faminto; aquela desvia o homem do bem para o mal e o mantém como força viva para a desgraça alheia. Gera os covardes, os pusilânimes, os ingratos, os traidores, os suicidas e os parasitas.

Com efeito, somente o motivo da ação dá-lhe efeito continuado e perene. O sexo, sem amor, é prazer instantâneo e efêmero, o amor, mesmo sem sexo, tem a eternidade das virtudes. O esforço físico do homem inspirado na ira, cansa, fere e mata. É força bruta. Quando utilizado no trabalho construtivo e social transmite, nos seus produtos, as forças morais de seu autor, e é a mais eloquente forma de comunicação social. A inteligência, a imaginação e a memória podem produzir ou destruir, criar ou mentir, reservar para doar ou para agredir.

"O homem — dizia Ingenieros — que entesoura essas forças adquire valor moral, reto sentimento do dever que se coaduna com a dignidade. Pensa, como deve, diz quanto sente, obra como quer, não procura recompensa, nem o amedrontam as desventuras. Recebe com serenidade o fracasso e com prudência a vitória. Aceita a responsabilidade dos próprios erros".

A ação sem virtude não busca objetivos nobres. É condicionada pela certeza de vitória; muda logo os rumos quando muda a previsão dos resultados. A ação motivada pelos ideais é suficiente em si mesma e não vacila na incerteza dos resultados, na previsão de vitória ou de derrota, o homem virtuoso é alimentado pelos ideais que o inspiram.

A coragem somente existe se existem ideais. A covardia é a previsão de mudança dos resultados imediatos. Quem se governa por ideais, só muda quando revê seus ideais e altera seus rumos mesmo diante da previsão de vitória.

Os países em desenvolvimento sentem a angústia de não poder desfrutar dos mesmos padrões de consumo existentes nos

países desenvolvidos. Os meios de comunicação modernos, principalmente a televisão, transmitem, num segundo, os hábitos de consumo ao mundo inteiro. O homem assimila instantaneamente as informações de consumo. Seus instintos excitam seus desejos. Em um segundo, o homem de um país subdesenvolvido aprende a consumir qualquer produto criado recentemente pelo país desenvolvido. E o deseja. E o exige. E faz guerra para disputá-lo.

E os processos de produção? Um produto novo é resultado de pesquisa e desenvolvimento ao longo de alguns séculos. Aquilo que se aprende a desejar em uma fração de segundo, pode ter custado um século de pensamento e ação. Mas os meios de comunicação não vacilam: produzem logo o desejo e, mesmo que quisessem (não querem), não poderiam produzir no cérebro do observador os meios de produção do novo produto desejado. Assim, o homem do país em desenvolvimento, sofre sempre a angústia provocada pelo descompasso entre o avanço do consumo que lhe é transmitido pelo país desenvolvido e a pobreza do processo de produção que não consegue superar.

Somente a virtude da temperança pode convencer o homem a esperar o avanço do processo de produção; compreender a posição em que se encontra na trajetória do conhecimento humano. E esse é um trabalho das lideranças políticas, dos religiosos, dos moralistas, dos pregadores.

De nada vale aguçar as angústias dos humildes. Somente aos que buscam o poder pelo amor ao poder, aproveitam a trágica armadilha. Aos humildes se ensinam os direitos, questionam-se os juízos de valor vigentes, pregam-se-lhes idéias; não se deve acenar com a realização de fantasias com o covarde propósito de obter sua adesão motivada pela dor ou pela revolta. Há já muitas injustiças para serem corrigidas e que servem de fardo material aos legítimos líderes políticos.

O verdadeiro líder dá a mensagem modeladora da psicologia nacional. Transmite o pessimismo ou induz esperança; sugere o silêncio ou acorda as vozes emudecidas pela timidez, pela ignorância ou pelo medo; refreia os movimentos ou dá velocidade à sua ação; mitiga as divergências e da pluralidade das idéias, constrói a unidade nacional.

É a atual o pensamento de Tocqueville: "A poesia, a eloquência, e a memória, a graça do espírito, o brilho da imaginação, a profundidade do pensamento e todos os bons que o céu espalha como ventura se revelaram vantagens da democracia".

Para o político sensato, prudente e motivado por ideais, os fins são sempre os mesmos, em qualquer época, local, partido político. Transcende as contingências; as divergências partidárias, os grupos, as idiossincrasias. A liberdade, a segurança, a igualdade e a justiça são os fins do político, em essência. Não pode haver divergência sobre esse tema. Os conflitos surgem ao nível das ações, quando a fragilidade da natureza humana sucumbe diante das necessidades, paixões, ambições ou pressa. E na trajetória da ação destinada a buscar os fins últimos do político interferem interesses imediatos, às vezes mesquinhos, outras vezes estratégicos, como forma intermediária de alcançar aqueles fins. Por trás, portanto, da ação política atual, as vezes mal compreendida, está o propósito mais alto e nobre da consecução dos verdadeiros fins.

É na forma de agir portanto, que o político deve ser julgado. E o juiz é a consciência de cada um ou o povo. Poucos foram os analistas que ousaram estudar os princípios da ação política; os que fizeram pagaram caro com o anátema da História: Maquiavel e Pareto foram algumas vítimas que tentaram dizer como os homens realmente se comportam na conquista do poder. Poucos lhes perdoaram o terem tentado dizer a verdade.

Abstenhamo-nos dos meios vis, ainda que busquemos fins nobres. Às vezes, no caminho dos objetivos nobres, acos-

tumamo-nos a satisfação efêmera das conquistas imediatas e esquecemo-nos dos ideais primeiros que nos inspiravam. À trágica blasfêmia de que os fins justificam os meios, preferimos a sabedoria da sentença de que para fins nobres, exigem-se meios nobres. Não nos esqueçamos de que o período da luta é sempre mais longo que os momentos da vitória, e portanto, é preferível perder após uma luta digna do que vencer com o estigma da mentira e da hipocrisia.

Mas o Brasil não pode ser campo para pessimismo. Devemos julgá-lo dentro do contexto mundial, cheio de incertezas políticas, guerra entre irmãos, discriminação racial, pobreza, ambições desenfreadas e outros males da mesma gravidade.

Ninguém pode duvidar da tendência democratizante do momento histórico em que vivemos. Por ser um objetivo elevado, a sua consecução depende de todos nós. É uma tarefa de todos os brasileiros, homens de todos os partidos. A vocação democrática não distingue partidos. Mas a democracia se fortalece e se perpetua pelo seu exercício constante, pelo respeito a seus princípios, pelo amadurecimento dos cidadãos. O regime democrático é o mais adequado a um povo responsável. Somente nele se asseguram debates das idéias. Nele as idéias são os temas das disputas eleitorais. Não há lugar para injúrias, para difamação e para intrigas.

Os políticos de idéias abundantes sofrem a exigüidade do tempo para transmiti-las aos seus adeptos, somente os que não têm idéias sofrem o tédio do excesso de tempo e projetam sobre seus adversários os próprios vícios, numa vã tentativa de destruir pela maldícia o que não podem construir pela virtude. É oportuno lembrar a lição do Padre Vieira: "Se o clima influi soberba, nasce a inveja; se influi gula, nasce a luxúria; se influi cobiça, nasce a avariza; se influi ira, nasce a vingança, e para nascer a mentira, o que é que influi? Ociosidade. Onde o clima influi ócio, dá-se mentira a perder. Nasce, cresce, espiga e de um não sei que tamanho como um grão de trigo, podeis colher mentiras aos alqueires".

Por isso, os homens que não têm idéias devem afastar-se da política, atividade própria dos que alimentam ideais e fazem deles os motivos de sua ação. Nem a força de um mesmo partido pode dar coesão a homens sem ideais. É a comunhão de ideais que reúne os homens num mesmo partido, não é este que produz a comunhão de ideais, e eu me permito conchamar a todos os que me honraram com seu voto de confiança a que transformem esta campanha que se inicia numa tribuna vasta e permanente de debates onde se enalteçam as forças morais, que fortaleçam a democracia e motivem a reformulação do comportamento do homem. A coragem, a iniciativa, o civismo, a solidariedade, a temperança, são virtudes que devem voltar a influenciar as nossas ações.

Olho com reserva a rapidez com que os indivíduos pretendem fugir ao risco transferindo-o para o Governo ou para a sociedade como um todo. Somente uma maioria prudente pode garantir a imprudência de uma minoria. Se os membros de uma sociedade descurarem da prudência, ninguém terá segurança. A prudência social é fruto da prudência dos indivíduos. Não nos iludamos com a sedução da extinção do risco: o receio do insucesso ativa todas as nossas aptidões, exercita o nosso intelecto e desenvolve a nossa prudência. A certeza do resultado descompromete os indivíduos e estimula a aventura. A segurança total é tão desastrosa como a insegurança total. Esta inibe a iniciativa, aquela dispensa a prudência e gera o desperdício.

Aprendamos pois, a cultivar a virtude da prudência e a aceitar o risco de nossas ações. Ninguém pode fugir à responsabilidade pelos seus atos valendo-se das formas burocratizantes dos papéis e da participação pessoal múltipla. O homem que ocupa uma função pública tem que justificar-se perante a sociedade por qualidades superiores. Suas aptidões morais devem precavê-lo contra o apelo do suborno e da riqueza fácil. Seus do-

tes intelectuais e profissionais, devem ser suficientes para justificar a discriminação que o beneficiou em relação aos seus concidadãos.

E ao final, após dedicar-se inteiramente às suas funções, dando-lhes tudo quanto acumulou de experiência e com conhecimento, deve sempre fazer o balanço de seu desempenho com a máxima humildade. Deve ter coragem de criar e de expor idéias sem a pretensão de impô-las. Deve ter a paciência de ouvir as críticas, ainda quando se lhe deparam injustas; deve recuar sempre quando percebe que errou e fazê-lo sem constrangimento, e quando, após acirrado debate em que é posto em xeque, conseguir superar os obstáculos, deve atribuir sempre o êxito às suas funções e não se apropriando do prestígio de sua vitória.

Ao deixar as funções, saia com a mesma dignidade com que as assumiu. Deixe o cargo mais digno do que quando o recebeu.

Se eu tivesse de atribuir a alguém alguma contribuição que a Diretoria de Crédito Rural prestou ao meu País, e especialmente ao nosso Estado, não o faria ao seu Diretor. Sem hesitação, eu me voltaria para uma personalidade singular, em que a humildade generosa, tenta em vão dissimular a cultura,

a experiência, o civismo, a vocação profissional fulgurante: o Dr. Osvaldo Roberto Collin, ilustre Presidente do Banco do Brasil, é um monumento vivo de valores, virtudes e forças morais que engrandecem e dignificam todos quantos têm a graça de trabalhar sob sua orientação.

Muito obrigado.

((Palmas)).

O SR. PRESIDENTE — (João Mansur) Solicito da Comissão anteriormente designada, que acompanhe Sua Excelência o Sr. José Hosken de Novaes, DD. Governador do Estado, durante sua permanência no Palácio Dezenove de Dezembro, bem como o ilustre homenageado, Cidadão Honorário do Paraná, ao Salão Nobre desta Casa, onde receberá os cumprimentos.

Antes do encerramento, desejo consignar os agradecimentos da Assembléia Legislativa às ilustres autoridades civis, militares, eclesiásticas, demais pessoas, pelo honroso prestígio que concederam a esta solenidade, que declaro encerrada após a execução do HINO DO PARANÁ pela Banda de Música da Polícia Militar do Paraná.

(É executado o Hino do Paraná) (Palmas)